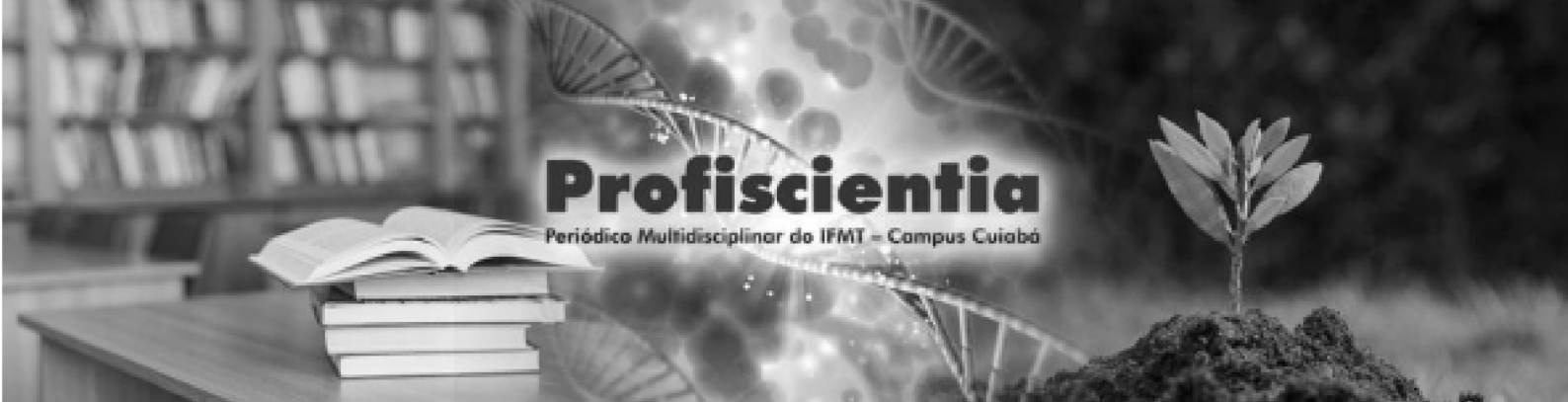




Profiscientia

Periódico Multidisciplinar do IFMT – Campus Cuiabá

NEGRITUDE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS (OS) NEGRAS(OS) SOBRE A PRÁTICA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CUIABÁ-MT

BLACKNESS AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN PHYSICAL EDUCATION: THE CONCEPTION OF BLACK TEACHERS ABOUT THE PRACTICE IN PUBLIC SCHOOLS IN CUIABÁ-MT

Ketlyn Inaiá Pereira de Almeida¹
Sandro Aparecido Lima dos Santos²

Resumo

O racismo estrutural é uma característica constitutiva da sociedade brasileira se fazendo presente nas mais diversas instituições sociais, inclusive no ambiente escolar, instituição onde, por muitas vezes, a negritude e a cultura afro-brasileira foram negligenciadas nos mais distintos componentes curriculares. No âmbito da Educação Física, a temática racial é muitas vezes negligenciada e abordada de modo inadequado ou até insuficiente apenas em função do cumprimento da legislação. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender como docentes de Educação Física da Baixada Cuiabana abordam as temáticas em torno das relações étnico-raciais, tais como a negritude e a cultura afro-brasileira, nas aulas de Educação Física nas escolas públicas da Baixada Cuiabana, com a identificação de metodologias de ensino aprendizagem e os avanços e obstáculos experimentados nessas experiências. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco professores e professoras de Educação Física atuantes na educação básica na rede municipal da baixada cuiabana. nas quais foram identificados conteúdos, metodologias e temas a partir das falas desses professores.

Palavras-chaves: educação física, relações étnico raciais, cultura afro-brasileira.

Abstract

¹Ketlyn Inaiá Pereira de Almeida. E-mail: ketalmeida16@gmail.com. Graduada em Licenciatura em Educação Física – IFMT Campus Cuiabá “Cel. Octayde Jorge da Silva”.

¹ Sandro Aparecido Lima dos Santos. E-mail: sandro.santos@ifmt.edu.br. Professor da Área de Ciências Humanas e Sociais – IFMT Campus Cuiabá “Cel. Octayde Jorge da Silva”.

Structural racism is a constitutive characteristic of Brazilian society and is present in the most diverse social institutions, including the school environment, an institution where, on many occasions, blackness and Afro-Brazilian culture were neglected in the most distinct curricular components. In the context of Physical Education, racial issues are often neglected and addressed inadequately or even insufficiently simply due to compliance with legislation. In which content, methodologies and themes were identified based on the speeches of these teachers. Therefore, the objective of this research is to understand how Physical Education teachers in Baixada Cuiabana approach themes surrounding ethnic-racial relations, such as blackness and Afro-Brazilian culture, in Physical Education classes in public schools in Baixada Cuiabana, with the identification of teaching-learning methodologies and the advances and obstacles experienced in these experiences. To this end, semi-structured interviews were carried out with five Physical Education teachers working in basic education in the municipal network of Baixada Cuiabana. In which content, methodologies and themes were identified based on the speeches of these teachers.

Keywords: Physical Education, Ethnic-racial relations, Afro-Brazilian culture.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a pesquisa acadêmica reconheceu a reprodução do racismo estrutural na sociedade brasileira, muitas vezes entranhado em hábitos cotidianos. Em contrapartida, os movimentos sociais relacionados as questões de cidadania e direito se organizaram para lutar contra esse sistema agressivo. Um marco na trajetória desses movimentos foi a presença negra na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância (realizada em Durban, em 2001), promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Essa discussão se aproximou do campo da Educação Física quando os movimentos sociais reconheceram a construção de uma sociedade baseada em um padrão corporal europeu e, assim, iniciaram a desconstrução do imaginário social permeado de pensamentos racistas que levavam a marginalização de toda e qualquer prática cultural de origem negra no Brasil.

Na primeira década do Século XXI foram instituídas as leis que trariam a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena em todo currículo nacional, sendo elas a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e 11.645/08 (BRASIL, 2008).

Assim, o presente artigo busca entender como está sendo trabalhada a negritude e a cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física, com intuito de identificar as metodologias de ensino aprendizagem utilizadas e os avanços e obstáculos percebidos pelos professores de Educação Física das escolas públicas da Baixada Cuiabana.

Uma justificativa da temática deste artigo é a identificação das experiências docentes em que as relações étnico-raciais que perpassam as práticas corporais foram evidenciadas nas aulas do componente curricular citado. Outro aspecto relevante é a apresentação do ponto de vista de professores e professoras atuantes na escola pública, sobre a temática da cultura negra nas aulas de Educação Física na Educação Básica, haja vista que a lacuna na produção acadêmica com essas temática e abordagem com a valorização da perspectiva dessa parcela específica do professorado.

Entre os objetivos específicos desta pesquisa podemos citar: a) conhecer as dificuldades e facilidades dos professores na abordagem desse conteúdo; b) Conhecer quais os conteúdos são abordados dentro da temática racial, nas aulas de Educação Física nas escolas de educação básica da baixada cuiabana; c) Conhecer os objetivos, as metodologias e as técnicas utilizadas por estes professores ao trabalhar a temática.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Racismo estrutural e práticas culturais

Durante uma convenção em 1982, que buscava discutir soluções para os problemas da desigualdade racial no Brasil, foi aprovado um programa de ação do Movimento Negro Unificado que propunha uma mudança nos currículos, objetivando a extinção de preconceitos e estereótipos em relação aos negros e à cultura afro-brasileira na formação de professores com o intuito de comprometê-los no combate ao racismo dentro do ambiente escolar. A preocupação com o currículo escolar e a formação de docentes já era algo presentes nas discussões sociais vinte anos antes da obrigatoriedade legal do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas de todo país.

No Brasil, o racismo está diretamente ligado ao sistema educacional, político e econômico, tendo em vista uma sociedade estruturada em cima da desigualdade na qual a população numericamente majoritária é a mais desfavorecida em diferentes aspectos e essa mesma população têm majoritariamente, uma cor específica e lugares específicos de moradia, lazer e ensino.

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p.25).

Legalmente, o período escravocrata no Brasil se encerrou há 133 anos, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel. Apesar dessa lei, as manifestações culturais de matrizes africanas e indígenas foram criminalizadas, como por exemplo a capoeira. De acordo com Medeiros (2016) sua prática foi proibida em 1890, sob pena de prisão, através do Decreto nº 487 que instituiu o Código Penal de 1890 estabelecendo em seu Capítulo XIII que tratava dos "vadios e capoeiras":

Artigo 402 Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor de algum mal; pena de prisão celular de dois a seis meses (BRASIL, 1890).

Decretos como este influenciaram e influenciam na marginalização de práticas culturais afro-brasileiras. Oliveira (2005) conta que as manifestações culturais, oriundas dos ajuntamentos populares, eram caracterizadas como “escolas de criminalidade”, sendo assim, o

controle era exercido não apenas ao indivíduo considerado marginal, mas também às manifestações culturais.

2.2 Educação Física e a reprodução de estereótipos europeus

A política eugenista, introduzida no Brasil no final do século XIX, influenciou na construção da Educação Física. Segundo Climaco (2018) Fernando Azevedo, especialista em Educação Física e pesquisador da Pedagogia Escolar, entendia a eugenia como uma ciência capaz de intervir no meio ambiente físico, valendo-se dos avanços conseguidos pela engenharia sanitária, para exercer uma ação higiênica no campo educacional e sexual.

Conforme D'Avila (2006, p. 93) “eugenia fornece uma ponte entre a ideologia racial e a cultura popular, definindo uma cultura de pobreza.” O movimento eugenista influenciou de modo direto, no currículo pedagógico e na visão padronizada do corpo ideal, sendo ele fisicamente e mentalmente semelhante ao modelo europeu.

A partir desse momento, a Educação Física brasileira se definiu, por um longo período, a partir de um modelo corporal que enalteceu o homem branco, que privilegiou a heteronormatividade e que representava as aspirações de determinada classe social, tornando anômalo o que fosse diferente de tais parâmetros. Os homens negros assim como as mulheres negras, apareciam nesse contexto, como “exceções”, ora para justificar o desempenho em determinada modalidade esportiva, ora para reforçar situações de superação (VENÂNCIO; NOBREGA, 2020)

De acordo com Moreira e Silva (2018), o estudo da temática racial dentro do campo da Educação Física cresceu significativamente após serem homologadas as leis que trazem a obrigatoriedade dessas abordagens para o âmbito escolar. O encontro da diversidade cultural com a escola traz uma possibilidade de desconstrução de um pensamento que marginaliza práticas culturais negras.

Nessa perspectiva, é fundamental a responsabilidade da docência no processo de formação do aluno, já que a escola se define “como espaço de formação do cidadão crítico, autônomo, reflexivo, sensível e participativo” (DARIDO et al., 2001, p.22).

Dito isso, observa-se que a Educação física pode atuar de maneira direta na construção da identidade do aluno, visto que:

[...] oferece as primeiras experiências corporais conscientes das crianças por meio das práticas mediadas vivenciadas na escola e que possibilita a conexão com temas urgentes da contemporaneidade, dentre esses temas estão a prática do racismo e a superação desse comportamento (POMIN; LIMA, 2019, p.1-23)

Sendo assim, é importante que docentes potencializem a diversidade cultural no âmbito escolar, visto que atuam diretamente na construção de identidade dos alunos.

2.3 A História e Cultura Afro-brasileira: leis, orientações, práticas e discursos na Educação Nacional

Como fruto de um processo de lutas políticas e sociais, nos anos de 2003 e 2008, foram criadas as Leis 10.639/03 e 11.645/08 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 e instituíram a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena em todo currículo nacional (CORSINO; CONCEIÇÃO, 2016). Cabe mencionar que, a Lei de Diretrizes e Base da Educação já trazia a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, no seu vigésimo Artigo VI, em 1996 (BRASIL, 1996).

Segundo Corsino e Conceição (2016), na busca da desconstrução de um currículo hegemônico e heteronormativo, as leis atuaram também no intuito de construir uma escola mais equitativa. Mas, a pergunta que nos colocamos é: em que lugar se encaixa a Educação Física escolar, nesse contexto? Qual a responsabilidade dessa disciplina no cumprimento das leis citadas?

A maioria dos professores não percebe suas práticas como sendo racistas e acabam distorcendo as expressões corporais dos alunos negros e indígenas, de maneira preconceituosa. Em relação ao desenvolvimento de conteúdos de cultura afro em sala de aula, Candau (2010, p. 16) assim se pronuncia:

No momento atual, as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e dos jovens.

Pinho (2007) ressalta a importância da discussão racial na formação docente dos professores/as de Educação Física, cuja socialização se deu em um espaço cercado de ideias racistas altamente difundidas por meio de estereótipos negativos de negros, passando pela valorização da branquidade por parte da mídia.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma metodologia de pesquisa descritiva de cunho qualitativo. Segundo Chizzotti (2005, p. 28) o termo genérico pesquisa qualitativa tem sido usado para “designar pesquisas que, usando ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao falar e fazer”.

Com a finalidade de alcançar os objetivos apresentados neste texto, foram desenvolvidos: 1) um questionário na forma de formulário eletrônico (Google Forms) e; 2) entrevistas semiestruturadas.

O questionário na forma de formulário eletrônico foi composto por perguntas que permitiram realizar tanto a caracterização socioeconômica de um grupo de professores de Educação Física, quanto compor um mosaico das práticas desenvolvidas por estes docentes ao tratarem da temática da cultura afro-brasileira.

Os dados obtidos por meio do formulário eletrônico permitiram realizar a caracterização do perfil dos respondentes nos quesitos idade, sexo, cidade de residência e cidade de origem, cor/etnia, estado civil, assim como a caracterização de suas práticas docentes em relação a temática da cultura afro-brasileira. Outro uso desses dados foi subsidiar a definição do roteiro de perguntas aplicadas-presencialmente ou por videoconferência. Segundo Minayo (1989, p. 64) a entrevista semiestruturada "combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada".

A seleção dos entrevistados foi determinada a partir da constituição de uma amostra que espelhou certas dimensões do contexto, algumas delas em contínua construção histórica (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008), sendo esta forma de escolha dos participantes das entrevistas uma aplicação do conceito de amostra intencional. Após a aplicação do formulário eletrônico e da seleção dos professores, os mesmos responderam uma entrevista semiestruturada. A partir do formulário aplicado foram selecionados cinco professores e/ou professoras atuantes em escolas públicas da Baixada Cuiabana que abordam a cultura afro-brasileira em suas aulas.

Os depoimentos obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas foram transcritos para identificação dos conteúdos, das metodologias e dos recursos didáticos utilizados pelos docentes na abordagem da temática da cultura afro-brasileira, bem como para a identificação da opinião, das motivações e/ou resistências dos docentes no trabalho com a temática. Nesse sentido, a análise do conteúdo das entrevistas permitiu compreender a experiência que eles têm,

as representações que formam e os conceitos que elaboram. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa.

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento crítico, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais. (CHIZZOTTI, 2005, p. 83).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Resultados e análises das respostas obtidas por meio do formulário eletrônico

A primeira etapa da coleta de dados desta pesquisa consistiu no formulário eletrônico composto por dez perguntas com questionamentos direcionados à característica dos participantes da pesquisa e questões direcionadas ao trabalho pedagógico dos mesmos dentro da cultura afro-brasileira. Esse formulário, enviado a cento e cinquenta docentes através de aplicativo de mensagem e e-mail, foi respondido por vinte docentes, depois de um prazo de 60 dias, entre maio e junho de 2022.

Na Questão 01, referente ao gênero dos participantes da pesquisa, dentre um número total de 20 participantes, tivemos 11 (55%) mulheres e 9 (45%) homens.

A Questão 02 sobre a idade dos participantes está justificado em função da mudança nos cursos de formação de professores, de modo que a idade pode influenciar no desenvolvimento da aula de cada professor. Considerada a variação etária, a idade da maioria dos participantes estava no intervalo entre 30 e 50 anos.

A Questão 3 sobre a cidade de residência de cada respondente considerou que a pesquisa foi feita com professores atuantes em escolas públicas da Baixada Cuiabana, uma microrregião composta por 14 municípios. Identificou-se que a maioria dos participantes da pesquisa atua nas escolas da Baixada Cuiabana, nos municípios de Cuiabá e Várzea Grande, e cinco respondentes residem fora desta microrregião.

Na Questão 4, notou-se que 40% dos respondentes (8) se declaram solteiros, 25% (5) possuem união estável, 10% (2) são casados e os 25% estão divididos entre divorciados e viúvos indicando uma diversidade no estado civil.

O quinto questionamento indicou que a maioria dos respondentes são originários da cidade de Cuiabá e do estado do Mato Grosso (Cáceres, Barra do Garças e Várzea Grande), sendo um oriundo de Dourados (MS).

Na Questão 6, metade dos respondentes (50%) se autodeclarou preto, seguida de 35% que se autodeclarou pardo ou parda e 15% se autodeclarou branco. O termo “pardo” é classificado por Saddy e Santana (2017) como qualquer grau de miscigenação entre brancos e pretos, com exceção dos indígenas.

Na sétima pergunta sobre a abordagem da temática negritude e cultura afro-brasileira em suas aulas, 80% (16) responderam que abordam e 20% (4) responderam que não abordam. Note-se que ainda encontramos professores que não trabalham essa temática, mesmo com a obrigatoriedade estipulada desde o ano de 2003.

Mesmo com os resultados da Questão 7 indicando que nem todos trabalham com a temática em suas aulas, na Questão 8 a totalidade dos participantes considerou importante as atividades que englobam tal assunto.

Na Questão 9, 20% dos respondentes informaram que não tiveram contato com a temática em nenhum momento formativo. Oliveira (2021) indica que a falta de trabalho nesta temática pode ser devido ao despreparo dos docentes e a ausência de contato com a temática. Esses dados correlacionam-se com as respostas da Questão 7, em que 20% dos entrevistados informaram que não trabalham com a temática em suas aulas de Educação Física, podendo isso ser justificado em função desse desconhecimento ou falta de contato com o tema.

Em contrapartida, a maioria dos respondentes informou que teve contato com a temática, sendo 25% no curso de graduação em Educação Física e 55% durante outro momento formativo. Germano e Soares (2020) encontraram 13 artigos relacionados à Educação Física e cultura afro-brasileira, enquanto Maldonado e Neira (2021) selecionaram 34 relatos de experiências sobre Educação Física e cultura negra e/ou afro-brasileira. Portanto, há produções sobre o assunto e as experiências estão acontecendo nas escolas, como obriga a lei desde 2003.

Na Questão 10, a maioria dos participantes tem o conhecimento sobre a lei, totalizando 70% (14), sendo que 30% (6) dos professores e professoras responderam que não conhecem a lei 10.639/03. Sendo promulgada no ano de 2003, a lei citada no formulário visa legitimar e garantir que a diversidade fosse tematizada nas salas de aulas, tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Souza e Pereira (2013) através de um mapeamento identificaram que a lei citada no formulário não é desconhecida pelos gestores. Dito isso pode-se afirmar que os mesmos

conheciam o objetivo da lei e, logo, sua obrigatoriedade. Tal conhecimento foi adquirido por meios de comunicação e documentos enviados pelo MEC. Segundo os autores, gestores/as e professores/as não dominam os conteúdos e nem os métodos de ensino que contemplem História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais e os gestores, tampouco, demonstraram familiaridade com as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

Atualmente, as secretarias municipais de educação se esforçam em organizar atividades formativas para professores nessa temática. Também cresceram as produções científicas relacionadas a cultura afro-brasileira e Educação Física, como mostram Coelho e colaboradores (2018) em uma revisão em que foram encontrados, inicialmente, novecentos e vinte textos ligados à temática. Sendo assim, se torna falível tentar justificar a falta de trabalhos ou atividades que envolvam essa temática em função da falta de literatura ou de possibilidades pedagógicas.

4.2 Análise e Discussões das Entrevistas

A segunda etapa da coleta de dados consistiu em cinco entrevistas com professores e professoras de Educação Física atuantes nas escolas da rede pública da baixada cuiabana, dentre esses docentes três são mulheres, dois são homens e todos são residentes da cidade de Cuiabá - Mato Grosso.

O professor 1 é formado em Educação Física plena, atualmente trabalha com ensino fundamental II e Educação infantil. Iniciou o trabalho com conteúdo de cultura afro-brasileira antes da temática se tornar obrigatória em sala de aula e é capoeirista há mais de dez anos.

O professor 2 tem 45 anos de idade, pratica capoeira desde 1994, iniciou a faculdade de Educação Física em 1999 e se formou em dois mil e quatro, trabalhou na rede municipal desde dois mil e sete.

A professora 3 tem 44 anos e atua como efetiva na rede municipal de Cuiabá desde o ano de 2011, praticou capoeira durante um curto período de tempo e, também trabalha atualmente com dança de salão.

A professora 4 iniciou seu trabalho na atual escola no ano de 2018 e estuda questões raciais desde seu período de graduação. Desenvolveu também seu trabalho de conclusão de curso dentro da temática racial.

A professora 5 é graduada em educação física licenciatura e mestre pela UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso). Buscou desde sua formação de mestrado discutir

questões relacionadas à desigualdade racial e social. Atualmente atua na formação de professores ainda na UFMT. Participou da pesquisa de maneira online, assim como as professoras 3 e 4.

A apresentação, análise e discussão das respostas obtidas por meio das entrevistas está apresentada na mesma ordem das questões apresentadas aos professores. Após cada pergunta teremos as respostas dos docentes, de modo que possamos cotejar as informações obtidas.

Questão 1. Quais conteúdos da cultura afro-brasileira estão presentes em suas aulas?

A primeira pergunta versou sobre os conteúdos dentro da temática cultura-afro brasileira presentes nas aulas dos docentes. Em relação a esta pergunta, a capoeira e seus elementos, como maculelê e samba de roda, apareceu no trabalho de três professores sendo abordados, principalmente, com crianças da educação infantil ao ensino fundamental I.

Certeau (1994) afirma que as crianças constroem história e cultura e consomem produtivamente os bens culturais que lhes são ofertados. Portanto, é importante apresentar a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira para diversificar as experiências dessas crianças dentro das aulas de Educação Física.

Entre os entrevistados tivemos professores que atuavam da educação infantil até os anos finais do ensino fundamental. Assim os outros professores identificaram o trabalho com a temática desta pesquisa em conteúdos como esportes, ginástica e dança. Foi observado que duas docentes tematizaram os conteúdos como futebol e o Hip Hop, levando em consideração a temática negritude e discutindo assuntos como racismo e desigualdade social, como afirma a professora 5

“Eu trabalho com ginástica, eu tento buscar as discussões e na disciplina não concretamente uma discussão voltada para a cultura afro, mas eu tento trazer mesmo essas questões por exemplo na ginástica a gente discute muito desigualdades sociais as questões de gênero também e as questões de racismo.”

Questão 2. Qual seu objetivo abordando esses conteúdos?

As respostas a esta pergunta foram divididas em dois objetivos: 1) a conscientização dos alunos sobre práticas corporais da cultura afro-brasileira e; 2) diversificação do currículo. Nas entrevistas a necessidade de conscientizar os alunos sobre a cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física apareceu, como indica a fala da professora 4: “O objetivo inicialmente é conscientizar os alunos sobre o racismo, entender que a Educação Física faz parte do contexto das relações étnico raciais brasileira”.

De acordo com Nóbrega (2020), os conceitos biológicos que justificavam a superioridade e as desigualdades sociais, a partir do final do século XIX, foram substituídos por referências culturais, levando a uma hierarquização das culturas. A fala do professor 1 ilustra a afirmação anterior de Nóbrega (2020), no trecho que segue:

“Existe uma barreira muito grande quando você fala assim em capoeira, por exemplo dentro do ambiente escolar o pessoal já é a primeira coisa que eles falam a macumba, entendeu? Já envolve a religião e aí a gente precisa trabalhar nesse contexto”.

Questão 3. Como é a abordagem desses conteúdos, material didático e metodologia de ensino-aprendizagem?

Os professores 1,2 e 3 trabalham de forma semelhante, abordando história e a prática da capoeira, em uma aula que contextualiza o tema antes de iniciar a aprendizagem dos movimentos. Neste caso, a aprendizagem teórica se caracteriza bem breve atuando apenas como uma contextualização da temática. Como diz o professor 2 em sua resposta:

“A gente explica superficialmente o que é a capoeira aí eu pergunto, geralmente eu questiono o que que vocês já conhecem de capoeira? A eu já fiz isso eu conheço aquilo, a partir daí a gente começa a desenvolver o trabalho.”

Outro aspecto interessante da metodologia citadas pelos três professores foram as brincadeiras, utilizando como ferramenta para trabalhar lutas com as turmas. O aprendizado se constrói através de um jogo ou uma brincadeira, seu conhecimento do mundo por mediação pode explorar suas atitudes. Então, estes professores optaram por uma apresentação específica da capoeira a partir de uma perspectiva lúdica.

Já, a metodologia das professoras 4 e 5 se constituem em uma tematização transversal da cultura afro-brasileira em outros conteúdos. Segundo eles, quando abordam futebol, ginástica e lutas, relatam que propuseram discussões sobre racismo, machismo e desigualdade social.

Questão 4. Como se iniciou o trabalho com conteúdos referentes a esta temática? Há quantos tempo você desenvolve este trabalho? Quais as mudanças mais marcantes no seu trabalho com estes conteúdos ao longo da sua experiência docente?

Em uma pesquisa realizada por graduando em Educação Física da UNIJUÍ e URI/Santo Ângelo, ambas no Rio Grande do Sul, foram identificados alguns argumentos restritivos que justificariam a falta da abordagem de lutas nas aulas de Educação Física, mesmo sendo obrigatório por lei.

Dentre esses argumentos dois foram muito recorrentes que seriam a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico; a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas de luta, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola. (NASCIMENTO, ALMEIDA, 2007, p.91-110.)

Vale ressaltar que todos os professores abordam “lutas” em suas aulas, porém três dos cinco entrevistados têm ou tiveram experiência com a prática da capoeira em um ambiente fora da escola, como identificado na fala do professor 1:

"Antes de me formar em Educação Física, eu já trabalhava com a capoeira então uni o útil ao agradável e desde que eu entrei pra trabalhar com Educação Física na escola, é eu simplesmente formalizei o conteúdo afrobrasileiro no meu repertório..."

Dito isso, observa-se que o histórico dos professores com práticas corporais para além da formação docente, facilitou o desenvolvimento dessa temática em suas aulas, visto que a experiência prática foi relevante no momento da atuação docente.

Outro fator que levou parte dos professores a trabalhar com conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira foi a necessidade de trabalhar questões raciais atreladas à Educação Física, como disse a professora 4 durante a entrevista.

"[...] e eu vi a necessidade de trabalhar. Mesmo porque no dia a dia a gente escuta né, ‘o seu cabelo ruim’, então sempre ouvindo os alunos soltando comentários e o que eles chamam de piadinha. Por isso vi a necessidade de trabalhar. Teve um caso que eu precisei intervir em sala de aula e fazer, com a turma, uma roda de conversa para realmente conscientizar os alunos"

De acordo com Nóbrega (2020, p. 54),

[...] busca-se na educação, em especial na educação física, legitimar a diversidade étnico-racial no currículo, em prol do reconhecimento e do exercício de nossa plena humanidade, reafirmando, assim, a cultura de direitos na sociedade brasileira.

Outro aspecto importante identificado na fala das professoras 4 e 5 foi a metodologia baseada em discussões que estimulou o senso crítico dos alunos, como indica a professora 5 quando narra “o empenho dos alunos, a vontade de participar e trazer a história do quilombo, das comunidades quilombolas. Assim como discussões que aconteceram durante as aulas, como por exemplo, o racismo no esporte”. Segundo Freire (1987), o educador democrático deve, em sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua insubmissão, sua curiosidade.

Questão 5. Por que você considera importante o trabalho com os conteúdos referentes a esta temática nas aulas de Educação Física?

Segundo Freire (1987) quem ensina, aprende ao ensinar e, quem aprende, ensina ao aprender. A resposta de dois professores faz referência a essa troca de conhecimento entre o educador e o educando, sendo a capoeira um conteúdo que possibilita essa experiência. O professor 2, diz "que a prática da capoeira é muito importante pelas questões, não só físicas motoras, mas também social, de ir ali, de tocar, de estar junto, de cantar, de treinar junto."

A Educação Física ignorou aspectos sócio-histórico-culturais que viriam a influenciar o desenvolvimento da educação escolar. De acordo com Daólio (2004) a cultura é o principal conceito para a Educação Física. Já a professora 3 relaciona a importância dessa abordagem para o desenvolvimento corporal dos alunos, para valorização da cultura brasileira que segundo a mesma é riquíssima.

"Eu acho importante porque ele valoriza a nossa cultura a nossa cultura brasileira que é riquíssima e tem a mistura da cultura do negro da cultura europeu da cultura do Índio E também porque é uma vivência corporal importante para a criança".

Diferente dos demais professores, as professoras 4 e 5 vão relacionar a importância da abordagem da cultura afro-brasileira com a conscientização sobre o racismo e a desigualdade racial. Como registrado na fala da Professora 4 "é interessante fazer essa conscientização com os nossos alunos e discutir também não só com os alunos, mas com a comunidade escolar."

De acordo com Nóbrega (2020), a tomada de consciência negra apresenta soluções para as cenas de racismo e/ou preconceito que ocorrem no âmbito escolar e nas aulas de Educação Física. A professora 5 disse que a Educação Física já tem em si uma história de preconceito, lembrando do período higienista.

Questão 6. Você percebeu alguma mudança no desenvolvimento dos alunos e na interação entre eles após o seu trabalho com estes conteúdos? Quais mudanças foram estas? Como elas ocorreram ao longo da sua trajetória?

Dentre as respostas dos professores, duas percepções foram observadas, sendo elas: a) a mudança no interesse dos alunos pela Educação Física e; b) a desconstrução sobre o que viria ser uma aula de Educação Física. De acordo com a professora 5

"Houve muito mais a participação dos alunos que não gostavam da aula de Educação Física, houve relatos até relatos dizendo que não imaginariam uma oficina de grafite nas aulas de educação física. então a gente percebe que eles desconstruíram uma visão da Educação Física."

De acordo com Porto (2017), ainda é muito comum encontrar o professor de Educação Física com o perfil “rola bola”, que não se preocupa em proporcionar vivências para diversificar os temas em suas aulas. Seu modelo de aula se baseia em aula livre com o mínimo de regras, não tendo uma sequência ou um planejamento.

O trabalho com essa temática resultou em um maior interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física segundo a professora 3: “Então acho que o que a gente tira de melhor de tudo isso seria a vontade de praticar atividade física a vontade de lidar com seu corpo não apenas ficar jogando *Free Fire* ou ficar no celular”.

Essa mudança também é relatada pela professora 5 que, tematizou o movimento *Hip Hop* com seus alunos do Ensino Fundamental II, sendo que antes desse trabalho, a participação nas aulas de Educação Física era abaixo do esperado:

“Então de alguma forma atingiu os alunos. Além disso, eu nem falei, nós fizemos também rima com alunos do Fundamental 2. Eram também essa prática da Batalha de Rima. Apresentaram o que é, em um evento que chamamos de olimpíadas. É eles tiveram esse espaço de perceber nos alunos como eles interagem com as questões desiguais”.

Questão 7. Como você percebe a interação do seu trabalho com estes conteúdos junto a colegas docentes, junto a coordenação pedagógica e junto a direção da escola? Quando você começou a trabalhar esses conteúdos na escola, como foi a reação dos outros colegas docentes da coordenação?

A análise das cinco respostas referentes à questão 7 indicou uma unanimidade nas dos entrevistados: a interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade está presente no trabalho de todos professores, levando em consideração também o trabalho em conjunto com a coordenação pedagógica, outro fator unânime na resposta dos professores e professoras. Nota-se na fala da professora 3

O meu trabalho em si depende de outras pessoas sempre que eu trabalhei eu busquei parceria com outros professores como a professora de artes as professoras da sala e assim nós trabalhamos em conjunto e vemos a melhor forma de trabalhar projetos interdisciplinares.

Segundo Gadotti (2004), a interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas. Para Freire (1987), a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Dito isso, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade, considerando que a temática abordada neste trabalho se trata de um tema transversal que não pode ser adequadamente abordado por apenas uma disciplina ou uma área de conhecimento, como explica Professor 1 em sua fala “Porque a

obrigatoriedade não é só da Educação Física, é o contexto escolar no geral. Então a gente faz esse trabalho em parceria e os professores também acabam aderindo à prática.”

Por outro lado, a professora 4 relata a dificuldade em executar essa interdisciplinaridade quando relatou que, ao sugerir a temática entre outros professores que poderiam desenvolver um projeto sobre negritude e cultura afro-brasileira, a docente percebeu uma falta de interesse por parte dos colegas docentes, sendo que houve até mesmo “piadas no sentido de diminuir a importância da abordagem”.

Segundo Nóbrega (2020, p.56) “lidar com os conflitos raciais no âmbito escolar exige (incansavelmente) a autoafirmação negra por parte das(os) professoras(es) de Educação Física.” Vale ressaltar que, apesar desse tipo de situação, a docente não deixa de abordar a temática, mas enfatiza que isso é um “trabalho de formiguinha”.

Questão 8. Porque você aceitou participar desta etapa da pesquisa?

Os professores responderam esta pergunta, enfatizando o valor da pesquisa e do pesquisador. A professora 3 disse: “Eu acho importante valorizar essa primeira leva de TCC do curso de Educação Física e para colaborar com os estudos”. O professor 2 justificou que participou dessa etapa da pesquisa para contribuir, “porque, todo trabalho que for fazer, vai mostrar um pouco da afro cultura, principalmente da capoeira, que é um dos meus objetos de trabalho pra mim e é muito válido”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, observou-se a importância de abordar a negritude e cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física. Durante o desenvolvimento do trabalho, podemos constatamos que a temática referente à cultura afro-brasileira está sendo abordada nas aulas de Educação Física nas escolas públicas da Baixada Cuiabana, entre os professores entrevistados. Cabe destacar que da totalidade dos respondentes do formulário eletrônico, 85% dos professores são negros, considerando que a população negra é composta por pretos e pardos, segundo o IBGE.

Outra observação adquirida através dos resultados desta pesquisa foi a metodologia utilizada pelos professores atuantes tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. Respondendo às perguntas iniciais da pesquisa, a metodologia de ensino-aprendizagem utilizada pelos professores, dividiu-se basicamente em dois tipos de encaminhamento didático: a) sendo o primeiro, uma aula prática levando em consideração a história da cultura e

conscientização sobre a prática; b) sendo o segundo, a tematização de conteúdos, levando em consideração discussões como desigualdade social, desigualdade de gênero e desigualdade racial.

Vale ressaltar que durante as entrevistas os docentes participantes relataram, também, dificuldades em abordar a temática étnico-racial no ambiente escolar. Atitudes inaceitáveis como intolerância religiosa e racismo por parte de alguns alunos foram percebidas pelos professores antes e durante o trabalho com esta temática, mas as discussões e orientações feitas com os alunos essas condutas cessaram.

Sendo assim, é de extrema importância que a comunidade escolar entenda a necessidade de levar as práticas corporais da cultura afro-brasileira à escola, para que os discentes tenham a vivência, mas, também, o conhecimento cultural daquela atividade. Outra necessidade emergente seria a necessidade de se trabalhar a negritude na escola, considerando a apresentação de figuras negras importantes para o tema discutido, seja qual for a abordagem, tangenciando a representatividade que é uma das maneiras de estimular o empoderamento das crianças e jovens negros e pardos.

Vale lembrar ainda que “a presença de diferentes etnias no ambiente escolar amplia o reconhecimento da identidade, da autoestima, da autovalorização e do ‘empoderamento’ infantil para as crianças” (CARNEIRO; RUSSO, 2020, p.38), aspectos fundamentais tanto para a aceitação e valorização da constituição pluricultural da sociedade brasileira, quanto para a superação do racismo nas suas diferentes manifestações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** - 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 2014.

BRASIL. **Decreto Nº 847, de 11 de outubro de 1890** - Código Penal os Estados Unidos do Brasil. 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 / 09/ 2023

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996a. p. 27894

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 10.639**. Regula que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.645, de 10 de Março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 10 / 09/ 2023

CANDAU, Vera L. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista brasileira de Educação**. V.13, n.37, p.45-56, 2010.

CARNEIRO, Carolina Zolin; RUSSO, Maria José de Oliveira. A criança negra e a representatividade racial na escola. **Cadernos de Educação**, v. 19, n. 38, p. 105-126, 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7ª ed. São Paulo: Cortez. 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer** (8ª ed.). Petrópolis: Vozes. 1994

CLIMACO, Josiane Cristina; DOS SANTOS, Márcia Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. A educação física e a lei 10.639/03: articulando com as matrizes africanas na escola em Salvador-BA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. Ed. Especi, p. 676-692, 2018.

COELHO, W. N. Formação de professores e relações étnico-raciais (2003-2014): Produção em teses, dissertações e artigos. **Educar em Revista**, 34(69), 97-122. 2018

CORSINO, Luciano Nascimento, CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti. Educação Física **Escolar e Relações Étnico-Raciais**: subsídios para implementação das Leis 10.639/03 e 1.645/08. Curitiba: CRV, 2016.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. et al. A Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

D' ÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura política** e racial no Brasil: 1917-1945. São Paulo: UNESP, 2006.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública** 2008; 24(1):17-27.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos**. São Paulo: Ática, 1993.

GERMANO, Vitor Abdias Cabót; SOARES, Dandara Carvalho. Educação Antirracista? uma análise nos periódicos de Educação Física (2014 a 2020). **Temas em Educação Física Escolar**, v. 5, n. 2, p. 126-138, 2020.

MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 19–25, 2021.

MEDEIROS, Marilene Pereira da Silva. **Capoeira: da marginalização à reafirmação identitária**. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde**. 1989.

MOREIRA, Anália de Jesus; SILVA, M. P. C. Possibilidades didático-metodológicas para o trato com a lei no 10.639/2003 no ensino da educação física: a importância da educação étnico-racial. **Holos**, v. 34, n. 1, p. 193-200, 2018.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa; ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.

NÓBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, n. Esp., p. 51-61, 2020.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2005.

OLIVEIRA, Marieli Nepomuceno et al. Cultura Afro-brasileira na Educação Física escolar: expectativa ou realidade na prática docente?. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e396101321438-e396101321438, 2021.

OLIVEIRA, Túlio Nepomuceno. Africanizando o currículo escolar: Desmitificando o ensino da cultura afro-brasileira. Garimpus: **Revista de Linguagens, Educação e Cultura na Chapada Diamantina**, v. 2, n. 1, p. 122-134, 2021.

PINHO, Vilma Aparecida de. **Relações raciais no cotidiano escolar**: percepções dos professores de Educação Física sobre alunos negros (Coleção Educação e Relações Raciais, 9). Cuiabá: EdUFMT, 2007.

POMIN, Fabiana; LIMA, Cássia Maria Nascimento de. Educação das relações étnico-raciais na Educação Física das escolas municipais de Primavera do Leste – um desafio que começa pela pesquisa. In: **Seminário das Licenciaturas do IFMT, 3., 2019, Primavera do Leste, Anais...** Primavera do Leste: IFMT, 2019.

PORTO, ALN et al. Educação Física ou "rola bola"? percepções e desafios nas aulas de educação física. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 6, n. 2, 2017.

SADDY, André; SANTANA, Stephan Bertollo. A questão da autodeclaração racial prestada por candidatos de concursos públicos. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 18, n. 116, p. 633-665, 2017.

VENÂNCIO, Luciana, NÓBREGA, Carolina. **Mulheres negras professoras de Educação Física**. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA. PVB, Araújo DC. Educação em Direitos Humanos e Promoção da Igualdade Racial. **Linhas Críticas**. 2011; 34:483- 505.

SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria de Souza. Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. **Educar em Revista**, p. 51-65, 2013.